

Concretudes

Clarice Steil Siewert

Nico, como era chamado o filho da costureira, tinha intimidade com o muro da praça. E isso já era estabelecido. Todos os dias às 17h35, Nico ia para o muro e lá ficava até a mãe gritar-lhe a janta. O muro era de um branco esquecido, retalhado, mal pintado, sujo. Nico era de cor jambo, mãos pequenas, pernas finas e tortas.

Nico e o muro, de tão conhecidos, já não causavam qualquer pausa na respiração de quem os visse assim tão comungados. Tem até quem marcasse encontro no muro, à esquerda do Nico. Alguns dizem que Nico ia para o muro porque sua mãe era louca e o mandava de castigo. Outros achavam que Nico ia para o muro apenas para descansar. Mas todos sabiam que no pequeno espaço entre o rosto de Nico e o concreto do muro, havia continuidades.

Daquela junção, só mesmo Nico tinha conhecimento. Mas não revelava a ninguém para não ser desconsiderado pela sociedade local. O que acontecia, era que todos os dias, às 17h35, era o muro que ia até Nico. Encarava-o, seduzia-o, perseguia-o. onde quer que Nico fosse, lá estava o muro. Nico nunca fingiu. Um abraço concreto não era fácil naqueles dias.